

Hotel Pinheiro está sendo demolido Cidade perde hotel de quase um século

Espremido no centro da cidade, o Hotel Pinheiros não conseguiu completar a nona década de sua existência. Não resistiu ao rolo compressor do avanço imobiliário, não hospeda mais seus clientes de longos anos, não serve refeições tipicamente caseiras e também não figura mais como o mais tradicional hotel de Campinas. Aliás foi o primeiro. Mas seus 82 anos serão sepultados sem receber as honras de ter sido o hotel que abrigou inúmeros políticos e pessoas importantes, artísticas durante muitas décadas.

O drama maior mesmo ficou para as 10 famílias que nele residem há muito tempo. No início, quando se anunciou a venda do prédio, estas pessoas não acreditaram. Até que, sem poder se esquivar da realidade, arrumaram as malas, apanharam seus pertences e acenaram com um adeus. Mais implacável ainda são os pedreiros que retirando os pesados e resistentes tijolos das paredes, derrubando as jardineiras ainda com algumas plantinhas reminiscentes e a comercialização do material histórico — portais, vidraças, venezianas e tudo mais que constituía o belo casarão de número 471 da rua Ferreira Penteado.

Quem fala dos últimos dias do hotel é Airton José do Couto, esposo da herdeira e proprietária, dona Lúcia Helena Pinheiro do Couto. O valor da transação imobiliária ninguém sabe dizer, nem tão pouco calcular. Ninguém sabe também se, no terreno do casarão, vai ser instalado um estacionamento, uma casa de comércio ou um edifício de muitos andares. Este último é o mais provável. "Ninguém resiste a tentação das grandes construtoras ou empresas. E este caso não é diferente", compara Airton do Couto.

Mas, na verdade, não foi o primeiro e único golpe que a família Pinheiro sofreu nestes oitenta e tantos anos no ramo hoteleiro. No início da década de sessenta, com o alargamento da avenida Senador Saraiva, o prédio número 304 da rua Costa Aguiar também foi engulido pelo "avanço do progresso", e foi daí que a família transferiu o hotel para a Ferreira Penteado. Mas o padrão de atendimento não mudou nunca: "Não permitíamos clientes para curta permanência, a comida alimentava toda nossa família e a higiene era primordial", salienta Airton do Couto.

Durante quase vinte anos, dona Lúcia Helena sacrificava muitas horas no atendimento do hotel e só saía de lá quando tudo estava devidamente acertado. "Nós — atalha ele — relutamos alguns meses para não fechar o hotel. Entramos na Justiça, contratamos advogados, mas nada disso adiantou. Tivemos que entregar o prédio".



O Hotel Pinheiro durou 82 anos

Nos últimos anos a freguesia era baseada em viajantes antigos, pessoas que vinham a Campinas para tratamento médico e as 10 famílias de aposentados, viúvos etc. Os viajantes aportavam ali por causa do tratamento sem distinção. "Lugar bastante sossegado, sem arruaça", diz Airton. Já as pessoas que procuravam médicos e hospitais da cidade — a grande maioria de Mato Grosso e Goiás — era por que o local não tinha muito luxo e acima de tudo barato.

Mas o desfecho final, irreversível, da longa história do Hotel Pinheiro foi dramático para as 10 famílias que viviam "muito bem, com todo o conforto", nos quartos espaçosos do hotel. Foi necessário, segundo Airton, pedir um prazo maior para a entrega do prédio, até que estas famílias fossem para um outro local semelhante. Quando o último hóspede se despediu de dona Helena, o hotel deixou de existir.

Algumas semanas depois — ou até uns dois meses depois — vieram os pedreiros para mais uma empreitada: derrubar o prédio. No lugar do silêncio abafado que era constante no interior do casarão de 30 quartos, do mobiliário secular, aparecem as marretas, picaretas, cunhas e vão usar agora até britadeiras. Os resistentes tijolos do tipo "baiano" não são fáceis de ser extraídos das paredes espessas. As jardineiras estão enterradas como marco comemorativo. Tudo ali tem que ser cuidadosamente retirado: é que as venezianas, portas etc., serão vendidos para outras construções, de outros estilos e que já fazem parte também de outra história — as modernas edificações de concreto determinadas para o futuro.

Hospedaria de políticos

Washington Luiz Pereira de Souza, Júlio de Mesquita, Francisco Clicério, Cirilo Júnior foram algumas das personalidades que se hospedaram no Hotel Pinheiro, o mais antigo da cidade.

Mas a verdadeira história do Hotel Pinheiro tem um marco importante: foi inaugurado no dia 11 de agosto de 1900, exatamente no "Dia de Pindura" e, mais curioso ainda, às vésperas da fundação da Associação Atlética Ponte Preta. A idéia, a princípio, foi a de funcionar na condição de pensão. Manoel Pinheiro e o comerciante João Jorge Figueiredo entraram num acordo para que a pensão recebesse o maior número de hóspedes. O comerciante custeava a estada de seus compradores que vinham do interior afora, adquirir lotes de mercadorias.

É a pequena empresa prosperou, passando a servir banquetes e jantares comemorativos, sempre patrocinados por políticos e famílias abastadas da época. O cardápio aliás, era em francês, tal a sofisticação que se alcançou na ascensão de Manoel Pinheiro.

Mas serviu também figuras como Júlio Mesquita, que tinha um quarto reservado só para ele, estando ou não em Campinas.

Airton José do Couto, ainda relembra muitas histórias que emolduraram a rigidez de seu Manoel no andamento dos negócios. Lembra-se ainda de algumas vaidades dos hóspedes, como Mesquita, que não almoçava de jeito nenhum sozinho numa mesa. Ou pedia ao "seco" Manoel que mandasse um filho à mesa, ou então vinha com alguns amigos, como Leopoldo Amaral e Joaquim Alvaro de Camargo.

Dias antes de estourar a revolução de 1924, Mesquita foi informado do acontecimento iminente e avisou Manoel Pinheiro que haveria racionamento de alimentos. O português, na hora, mandou vir 20 barrigues de açúcar, mais 20 de arroz e um caminhão de mantimentos. Nenhum hóspede ficou sem comida.

"Consulado português"

Mas Manoel Pinheiro não era só homem ligado aos negócios de hotelaria.

Sempre ajeitava a vida de um e de outro, sem exceção a de patricios que vinham de Portugal. Colocava-os nos quartos dos fundos, dava comida e, assim que surgia oportunidade, empregava-os. Fez também filantropia — ajudou a fundar a Beneficência Portuguesa.

Algumas pessoas, entretanto, contam histórias dos portugueses, recheadas de muita ironia. Como é o caso de um deles que veio ao Brasil e ficou alguns dias, ou meses, no Hotel Pinheiro. Certo dia Manoel arranhou um emprego para ele na Estrada de Ferro Paulista. No outro dia o português enviou uma carta à sua família, que ainda estava em Portugal, dizendo que tinha arrumado um emprego de "Tesoureiro". Um mês e pouco depois de ter recebido a carta, a família desembarca em Campinas, após ter vendido os últimos pertences. Mas houve um imperdoável equívoco do lusitano: tinham dado a ele uma tesoura enorme para cortar grama e podar plantas (uma espécie de jardineiro) só que, na carta, adjetivou erroneamente sua atual profissão. Manoel Pinheiro teve que alojar a família também. Por isto, ainda a ironia, o hotel ficou conhecido como "Consulado Português".

Reduto de políticos

Washington Luiz, por exemplo, quando vinha a Campinas telefonava antes avisando de sua viagem e escolhia o cardápio. Foi assim por muitos anos. E nasceu uma grande amizade de Pinheiro com o político. Quando eleito presidente da República, Washington Luiz convidou Manoel Pinheiro para ir visitá-lo no Rio de Janeiro. Lá contava o que se passava pelo Interior do Estado, e almoçou com o presidente no Palácio do Catete — foi assim por diversas vezes.

Com a criação do Viaduto Miguel Vicente Cury, a área onde estava o hotel — recentemente remodelado — foi desapropriada pela Prefeitura. Manoel já tinha morrido, seu neto gerenciava o hotel, mas alguns anos depois faleceu. Então, passou para a única herdeira, dona Lúcia Helena.



Washington Luiz gostava de se hospedar no Hotel Pinheiro

EDUCAÇÃO E ENSINO

Escolas cada vez mais caras

Não são apenas as famílias que constatarem o alto preço das escolas particulares. É a própria ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, que afirma: "A situação das famílias que sustentam filhos em escolas particulares está cada vez mais difícil. Estamos chegando a um ponto de saturação, em que os pais não poderão pagar as mensalidades escolares".

A decretação dos reajustes é feita com base em índices fornecidos pelo Conselho Interministerial de Preços, CIP. A ministra achou justo haver aumentos que as escolas precisam fazer frente a seus encargos, mas disse de sua preocupação com as conseqüências desses reajustes, que onerem demais os orçamentos familiares, já comprometidos.

O assunto não é novidade para ninguém. Todos reconhecem o custo proibitivo da escola particular, representado não apenas pelas taxas mensais, mas pelas reservas de lugares, ou matrículas antecipadas, recebendo os colégios em outubro, portanto com antecedência de meses, as taxas que os pais deveriam pagar em março do ano seguinte.

Pesquisa do prof. J. Tiacci Kirsten comprova que o peso das mensalidades escolares no orçamento da classe média subiu de 3,7% para 14% em média, nos últimos dez anos, chegando em alguns casos a 25%. E a dificuldade para enfrentar este aumento não atinge apenas a uma ou outra família, mas a quase todas. Se o mal de muitas não pode ser consolo, serve ao menos, para comprovar um despertar coletivo para o problema, devendo levar os pais a exigir a atenção das autoridades educacionais contra os casos abusivos, e ao mesmo tempo verificar se o estudo que oferecem a tão alto preço é, de fato, de boa qualidade.

Por outro lado, urge a recuperação do prestígio e do bom nível do ensino público, que passaria a ser procurado pelas famílias de classe média, ou pelas que fazem questão de boa escola. Em Campinas, por exemplo, o "Culto à Ciência" e antiga Escola Normal, hoje EESPG "Carlos Gomes" gozavam de merecido conceito, primavam por ótimo nível de ensino e exemplar disciplina. A multiplicação de escolas, criadas sem infraestrutura, e a própria massificação do ensino deram os resultados que todos hoje lamentamos: ensino fraquíssimo, insegurança (que naturalmente, tem outras causas), corpo docente fraco e sem vocação (nem sempre), instalações precárias.

Esta recuperação de qualidade do ensino público é a mais justa, a mais democrática, a mais desejável, sob todos os aspectos.

Mobral nega versão do MEC

O presidente do Mobral, Cláudio Moreira, desmentiu o secretário-geral do MEC, coronel Sérgio Pasquali, que afirmou que os índices de analfabetismo no Brasil estão crescendo. Para Moreira, não está havendo nenhum acréscimo no número de analfabetos, mas sim um aumento populacional que alterou as estatísticas, dando falsa impressão da realidade. Em números absolutos, o Brasil tinha 18 milhões de analfabetos (1970) com idade superior a 15 anos, número que subiu a 19 milhões (1980), ou seja 26% do total da população nesta idade. A explicação de Moreira é ampla: em 70, havia no mundo 32,7% de analfabetos ou 720 milhões. Em 80, o índice caiu para 28,9%, mas em termos absolutos o número cresceu para 823 milhões. O mesmo está ocorrendo no Brasil.

Quarenta anos de Senai

As portas das escolas e centros de treinamento do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) foram abertas ao público em agosto. Também exposições de trabalhos de alunos, fotos e painéis ilustrativos da ação do Senai foram montados para o mesmo fim. Até o final deste ano, ainda haverá três "Semanas Tecnológicas" sobre Plásticos, Artes Gráficas e Cerâmica, e resultado do concurso de monografias sobre o Senai. Três novas unidades de treinamento entraram em funcionamento neste 2º semestre, nas áreas de mecânica, têxtil, eletrônica e instrumentação, incluindo supervisores para as indústrias do setor metal-mecânico em Campinas, Americana e Susano. A rede escolar mantida pelo Senai abrange 93 unidades.

Menos atrativos do Vestibular

Crise econômica e desvalorização do diploma universitário afetaram o Vestibular. Em outras palavras, diminuiu o número de candidatos, fato constatado pela Fuvest, que organiza os exames para a Unicamp e a USP (ambas gratuitas): dos 132 mil candidatos para 82, o número caiu para 124 mil, para 83. O próprio coordenador da Fuvest diz estar confuso quanto às causas reais, e confessa estar assustado em saber que universidades particulares como a Puc e o Mackenzie, registraram aumento.

A questão, mais complexa do que parece à primeira vista, está provocando levantamento dos "experts".

As "falsas ciências"

O secretário geral da Associação Ibero-Americana de Jornalismo Científico, Manoel Hernando, está espantado com o crescimento no Brasil de temas como ufologia, astrologia, numerologia e outros do gênero, os quais ele classifica de "falsas ciências". O divulgador terá de abordar tais temas com seriedade e rigor científico, e, no caso de temas de farmácia e medicina evitar o sensacionalismo de apresentar novos produtos, criando nos leitores expectativas de curas impossíveis. O que define, precisamente, um fato científico é uma fórmula matemática, mas isso não pode ser usado nos meios de comunicação em massa. É preciso simplificar o pensamento científico. Esse é o preço que se tem de pagar para fazer a divulgação das ciências e das conquistas tecnológicas.

MEC recebe mais recursos

O MEC deverá receber recursos entre Cr\$ 2 bilhões e Cr\$ 6 bilhões, antes de novembro, segundo revela o presidente do Conselho das Escolas Isoladas do MEC, professor João Márcio Rios. Esta verba viria auxiliar, entre outras, as universidades brasileiras, que estão passando por graves crises financeiras.

"Defenda a Vida", segundo a Fename

A Fundação Nacional para o Material Escolar, Fename, lançou em comemoração à "Semana da Árvore" o caderno universitário "Defenda a Vida", que pode ser adquirido nos postos de venda do País. Em Campinas, um destes postos fica no Pátio dos Leões, na Pucc, rua Marechal Deodoro. Brevemente, a Fename lançará outra publicação comemorativa: o Atlas Escolar de Botânica. O volume, em 10 unidades, aborda aspectos interessantes de temas, como: "o que o verde pode fazer; adaptação; nutrição; o homem e as plantas". A obra, destinada ao 1º e 2º graus, tem 120 páginas, sendo ilustrada em cores.

Depredações em escolas

Prossigue o vandalismo nas escolas da periferia, onde malfeitores invadem o recinto escolar, destroem mobiliário e material de merenda, furtam tudo quanto podem, e ainda ameaçam alunos e professores. Muitos dos marginais são maconheiros.

As famílias das crianças protestam contra a insegurança geral, que está tornando a freqüência às escolas uma arriscada aventura. Registramos as últimas depredações nas seguintes unidades escolares: EMPG Parque Tropical; EEPG Geny Rodrigues (av. das Amoreiras) e EEPG Prof. Carlos Lencastre, Jardim Garcia.

Apeoesp muda conceitos com a "Oficina de Teatro"

A sede da Apeoesp, de Campinas, localizada à rua Costa Aguiar, 698, 12º andar, Largo da Catedral, abriu inscrições para o curso de Oficina de Teatro, onde os professores e demais interessados podem tomar contato com o teatro na Educação, passando a ter uma experiência prática aplicável nas salas de aulas. Inf. com profª Elza Bittar.

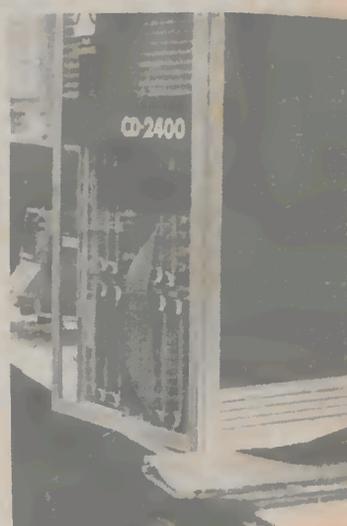
Curriculo para o Curso de Biblioteconomia

O Conselho Federal de Educação, CFE aprovou o novo currículo para os cursos de graduação em Biblioteconomia fixando ainda sua duração em 2.500 horas, a serem integralizadas ao longo de quatro ou sete anos.

Telebrá digital

Até o final deste ano, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás entregará à indústria nacional o projeto de um concentrador digital de tráfego, que permitirá o compartilhamento de linhas de teléx por um maior número de usuários. Com a fabricação iniciada nos primeiros meses do ano que vem, a própria Embratel deverá adquirir centenas de "concentradores de tráfego" que possibilitarão uma melhor utilização da rede, e expansão com os mesmos recursos já instalados.

O projeto chamado "CD-2.400" foi desenvolvido em dez meses, no CPqD e o protótipo será oficialmente apresentado em outubro, na Feira de Informática a ser realizada no Rio de Janeiro. Basicamente, o concentrador é um equipamento que fica no meio da linha que vai do assinante à central, ligando vários assinantes na mesma linha e evitando assim a ociosidade do equipamento.



Concentrador beneficiará usuários

SANASA-CA
Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento

FALTA D

(Obras de int

Tendo em vista a realização de água para os bairros de Cedec e Parque das Camélias, poderás haver falta d'água em alguns bairros:

Jardim América, J. Itaipava, Petrópolis, Santa Teresinha, Jardim Santa Cruz e A Sanasa informa ainda que a normalização a partir de amanhã, em casos de urgência podem telefonar 31-6166, para atendimento em caminhões-tanques.

Dir sobre

Direito número de horas de trabalho tem direito a correção monetária pelo BNH pela aplicação de juros e dinheiro.

Direito número de horas de trabalho tem direito a correção monetária pelo BNH pela aplicação de juros e dinheiro.

Direito número de horas de trabalho tem direito a correção monetária pelo BNH pela aplicação de juros e dinheiro.

Direito número de horas de trabalho tem direito a correção monetária pelo BNH pela aplicação de juros e dinheiro.